



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

**“EU BEM QUERIA VIRAR JACARÉ”: UM ESTUDO EXPERIMENTAL SOBRE A  
CONSTRUÇÃO DE CONTRAEXPECTATIVA COM BEM**

Brendha Portela Camargo

Rio de Janeiro

2021

BRENDHA PORTELA CAMARGO

“EU BEM QUERIA VIRAR JACARÉ”: UM ESTUDO EXPERIMENTAL SOBRE A  
CONSTRUÇÃO DE CONTRAEXPECTATIVA COM BEM

Monografia submetida à Faculdade de Letras  
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Licenciado em Letras na habilitação  
Português / Inglês.

Orientador: Prof.º Dr. Diogo Oliveira Ramires Pinheiro

RIO DE JANEIRO

2021

BRENDHA PORTELA CAMARGO

“EU BEM QUERIA VIRAR JACARÉ”: UM ESTUDO EXPERIMENTAL SOBRE A  
CONSTRUÇÃO DE CONTRAEXPECTATIVA COM BEM

Monografia submetida à Faculdade de Letras  
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Licenciado em Letras na habilitação  
Português / Inglês.

Data de aprovação:

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Diogo Pinheiro Oliveira Ramires Pinheiro – Presidente da Banca Examinadora  
Faculdade de Letras – UFRJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lilian Vieira Ferrari  
Faculdade de Letras – UFRJ

## CIP - Catalogação na Publicação

P843" Portela, Brendha  
"Eu bem queria virar jacaré": um estudo experimental sobre a Construção de Contraexpectativa com Bem / Brendha Portela. -- Rio de Janeiro, 2021. 39 f.

Orientador: Diogo Pinheiro.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciado em Letras: Português - Inglês, 2021.

1. Linguística Cognitiva. 2. Gramática de Construções. 3. Construção de Contraexpectativa com Bem. 4. Psicolinguística. 5. Pragmática. I. Pinheiro, Diogo, orient. II. Título.

## AGRADECIMENTOS

Eu sempre me considerei uma pessoa muito sortuda por ter tido uma baita rede de apoio ao longo de toda a minha vida – que só aumentou dos últimos quatro anos pra cá. Por isso, eu não poderia deixar de fazer uma singela homenagem àqueles que me fortalecem e me encorajam todos os dias.

Em primeiro lugar, agradeço às três mulheres mais maravilhosas de todo o universo, que me criaram e me cuidaram – e que me criam e me cuidam (e me aturam) até hoje. À minha mãe, o meu maior exemplo de afeto, força e independência (tudo ao mesmo tempo), de quem eu herdei em torno de 98% dos meus gostos e manias. Te agradeço pelos seus incentivos, seu cuidado, seu amor, pelas séries maratonadas, pelas besteiras de sexta-feira à noite e, claro, pelos livros (tenho certeza que a culpa de eu ter escolhido cursar Letras é toda sua). Eu tenho muito orgulho e muita sorte de ser sua filha. Também, à vó Clara e à vó Clarice, meus maiores exemplos de gentileza e coragem, agradeço por terem me criado com todo o amor do mundo, por todos os mimos (que não acabaram com a chegada da vida adulta) e também pelas comidas gostosas. Eu amo vocês mais do que tudo no mundo.

Agradeço ao meu pai (de quem herdei não apenas as sobrancelhas grossas, mas também a teimosia), pelos tradicionais lanches no Habib's e os passeios inesquecíveis e, principalmente, por sempre ter cuidado de mim com muito amor e carinho. Agradeço também aos meus avós, Iraci e Jairo, por todo seu cuidado, preocupação e apoio. Eu amo muito vocês. Obrigada por sempre terem feito de tudo pra me fazer feliz.

Eu sou grata a toda minha família (que é gigantesca, então vou pular a menção de todos os nomes, já que seria basicamente impossível), por sempre terem me considerado mais capaz do que eu sempre acreditei que era. Em especial, agradeço à tia Elaine, Daniely, tia Cidalva, tio Márcio, tio Tuninho, Deivison, Paulinho, Júnior, Midi, Lili, Lipe, Binho, Amanda, Nyne, tio Ninha e Dani. Eu amo vocês demais.

Agradeço ao Carlos, o ser humano mais paciente e bondoso que existe na face da terra, por ser o melhor namorado do mundo e um dos meus maiores incentivadores. Obrigada por ser um grande parceiro (seja pra me ouvir reclamando por horas ou pra encher a pança de hambúrguer), por sempre me apoiar, me encorajar e acreditar em mim mesmo quando eu não acredito. Eu te amo muito, muito, muito e tenho muita sorte em te ter ao meu lado.

Agradeço à Clara, um dos maiores presentes que a Faculdade de Letras (ou melhor, a Linguística!) me deu. Eu me considero extremamente sortuda por ter a sua amizade e por ter dividido essa graduação quase inteira contigo. Você é uma das pessoas mais engraçadas,

inteligentes e criativas que eu já tive o privilégio de conhecer. Obrigada pela sua amizade e sua parceria, que tenho certeza que vão durar pra sempre. E já que é quase impossível não lembrar do Thiago quando se fala da Clara, aproveito pra agradecê-lo. Thiago, cujo cérebro bizarramente inteligente ainda surpreende a todos, é um amigo fiel, companheiro humano. Obrigada por ter tido a paciência de me ensinar os conteúdos de Linguística III aproximadamente 128374 vezes.

Além disso, agradeço aos fora da LEI (Carol, Clarice, João, Larissa, Leandro, Lucas, Marcelo e Nanda), que ouvem minhas reclamações diárias desde março de 2017. Obrigada por todos os momentos que dividimos e por terem sido amigos absolutamente incríveis ao longo desses quatro anos. Eu amo muito vocês e estou morrendo de saudades. Em particular, agradeço ao Lucas, meu parceirinho fiel e uma das melhores pessoas que existem nesse mundo. Você é simplesmente brilhante. Eu sou muito, muito grata pela sua amizade.

Agradeço à Nath, minha irmãzinha, por tudo que a gente viveu ao longo de todos esses anos de amizade/irmandade (e olha que foi coisa à beça, hein). Obrigada por ser essa pessoa linda (por dentro e por fora), engraçada, bondosa, carinhosa e companheira, com quem eu sempre posso contar. Você é muito especial e eu te amo demais da conta.

Agradeço à Sarinha, que também esteve comigo em literalmente todos os momentos nos últimos cinco anos. Te agradeço pelas caronas (valeu, tio Serginho!), pelos lanches, pelas sonecas e pelas reclamações compartilhadas. Espero que a gente esteja juntinha pra lanchar, sonocar e reclamar por um bom tempo ainda.

Também agradeço ao Rômulo, porque, segundo ele mesmo, sem ele e as caronas até o Fundão, eu não teria chegado até aqui – literalmente (haha). Ele é uma das pessoas mais incríveis e mais inteligentes que conheço e, certamente, uma das pessoas mais incríveis e mais inteligentes desse mundo inteiro. Obrigada pela sua amizade (e pelas caronas), Romulito.

Não posso deixar de fazer meus agradecimentos a algumas pessoas que sempre tiveram e sempre terão um lugar mais que especial no meu coração: Douglas, Bella, Manu, Maria Clara, Thay e Mari. Vocês são incríveis, gente. Obrigada por tudo.

Sou especialmente grata ao Diogo, a quem eu atribuo 90% da culpa pelo meu amor pela Linguística. Acontece que o Diogo não é apenas um orientador excepcional; ele também é o melhor professor que eu já tive na vida (com quem eu tive a sorte de aprender desde a minha primeira semana na Faculdade de Letras e com quem continuo aprendendo até hoje). Costumo dizer que a inteligência do Diogo me assusta (porque não é possível que aquele cérebro saiba tanta coisa), e se um dia eu for pelo menos um pouquinho do que ele me inspira

a ser, eu já estarei feliz. Obrigada por tudo que me ensinou nos últimos quatro anos e, sobretudo, obrigada por acreditar em mim.

Agradeço, também, à Lilian, conhecida por todos como a rainha da Linguística Cognitiva – e é mesmo. Lilian é uma das melhores professoras com quem tive o privilégio de aprender e uma grande inspiração pra mim desde que passei a integrar o LINC. Além disso, não posso deixar de agradecer a todos que fazem parte desse grupo de pesquisa maravilhoso, que me acolheu e me ensinou tanto. Em especial, agradeço às Winx (Clara, Sara, Paula e Day), que tornam tudo isso ainda mais divertido.

Também não posso deixar de mencionar alguns dos professores e professoras que foram essenciais em minha formação e por quem nutro grande respeito e admiração: Jonas, Flávia, Mário, Carolina Serra, Silvia Brandão, Bruno Torres, Adriana Leitão, Marcelo Melo, Alessandro Boechat, Luiz Palladino, Silvia Rodrigues, Rafael Julião, Mônica Fagundes, Malu Guimarães, Michela Rosa e Leonardo Marcotulio. Vocês são grandes exemplos pra mim.

Por fim, obrigada a você, leitor persistente, que chegou até aqui. Peço perdão pelas inevitáveis repetições lexicais e o sentimentalismo exagerado, mas você há de convir que eu sou rodeada de pessoas maravilhosas que merecem os devidos “obrigadas”. Escrever isso sem chorar foi mais difícil que escrever toda a monografia, então espero que eu tenha conseguido colocar em palavras o quão importantes eles são pra mim. Muito, muito, muito obrigada.

*“Language, in the isolated word and in connected discourse, is an act, a truly creative performance of mind.”*

Wilhelm von Humboldt



## RESUMO

Sousa (2021) caracteriza a Construção de Contraexpectativa com Bem (CCB) do português brasileiro (PB), instanciada em sentenças como (1) Meu nariz bem sangrou hoje e (2) O João bem tirou 10 em matemática, como um disparador de pressuposição negativa, cuja função é marcar a ciência do falante de que seu interlocutor não tinha a expectativa de que o enunciado produzido pelo falante seria proferido. A proposta, embora parta de uma análise de dados linguísticos reais, se fundamenta em última instância na interpretação da própria pesquisadora, o que, naturalmente, levanta dúvidas sobre sua realidade psicológica. Diante disso, este estudo se propõe a verificar experimentalmente a validade da análise de Sousa (2021). Para isso, foi desenvolvido um experimento off-line de paradigma de escolha forçada em que os participantes deveriam julgar se as sentenças a que eram expostos disparavam a evocação de um pressuposto positivo ou negativo, ou se não era possível optar por nenhuma dessas duas alternativas. Cada sujeito foi exposto a uma série de estímulos com e sem a CCB. Os resultados mostraram que, nos estímulos com a CCB, os participantes escolheram a alternativa associada à evocação de pressuposto negativo com frequência significativamente maior do que as demais alternativas ( $p < 0.00001$ ), ao passo que o mesmo não se verificou para os estímulos sem a CCB. Esses resultados fornecem evidências em favor da hipótese de que a CCB atua como um disparador de pressuposição negativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** gramática de construções baseada no uso; pragmática; pressuposição; experimento psicolinguístico.

## ABSTRACT

Sousa (2021) characterizes the Counter-expectation Construction with Bem (“well”) (CCB) in Brazilian Portuguese (BP), as in (1) *Meu nariz bem sangrou hoje* (literally, *My nose well bled today*) and (2) *João bem tirou 10 em matemática* (literally, *João well got 10 in Math*), as a negative presupposition trigger which marks the speaker’s awareness that his/her listener did not expect that the utterance produced by the speaker would be uttered. Even though this proposal is based on real linguistic data analysis, it is the outcome of the author’s own subjective interpretation, which naturally calls into question its psychological reality. Therefore, this study’s aim is to empirically test the validity of Sousa’s (2021) hypothesis. In order to do so, an off-line forced-choice experiment was conducted, in which the participants were asked to judge whether the sentences they were exposed to evoked positive or negative presupposition, or if it was not possible to choose one out of these two options. Each participant was exposed to a group of stimuli with and without the CCB. The results showed that, in the CCB condition, the experimental subjects selected the negative presupposition alternative significantly more often than the other alternatives ( $p < 0.00001$ ), whereas the same did not hold for the condition without the CCB. These results provide evidence in favor of the hypothesis according to which the CCB functions as a negative presupposition trigger.

**KEYWORDS:** usage based construction grammar; pragmatics; presupposition; psycholinguistic experiment.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	12
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS .....	14
2.1. Gramática de Construções .....	14
2.2. Gramática de Construções Baseada no Uso .....	16
2.3. Estrutura Informacional: os conceitos de pressuposição e asserção .....	17
2.4. Intersubjetividade .....	19
3. SÍNTESE DA PROPOSTA .....	21
4. METODOLOGIA .....	24
4.1. Desenho experimental .....	24
4.2. Materiais e procedimentos .....	25
4.3. Composição e distribuição dos estímulos .....	26
4.3. Perfil dos participantes .....	27
4.5. Previsão experimental e análise estatística .....	27
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	29
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	32
REFERÊNCIAS .....	33
APÊNDICE .....	35

## 1. INTRODUÇÃO

A monografia de Sousa (2021), que apresenta os resultados da pesquisa de Iniciação Científica (IC) desenvolvida pela autora e por mim entre 2017 e 2020, investiga, sob a ótica da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), um uso particular do item “bem” no português brasileiro (PB) que não parece desempenhar nenhuma das funções tipicamente reconhecidas para esse elemento na literatura, como a de advérbio de modo ou de intensidade (NEVES, 2000; ROCHA LIMA, 2011), a de focalizador (ILARI; NEVES, 2008), ou a de marcador discursivo (DETOGNE; LUQUETTI, 2015). Alguns exemplos desse uso podem ser observados abaixo:

- (1) Eu bem vi o episódio da série sem você.
- (2) Eu fiz um brinco lindo, mas eu bem já vendi.
- (3) Você bem podia me fazer um carinho.
- (4) Eu bem tô em Madureira.
- (5) Eu bem queria virar jacaré.

A autora defende que todas essas sentenças correspondem a instâncias específicas de uma mesma construção gramatical abstrata, à qual foi dado o nome Construção de Contraexpectativa com Bem (CCB). Com base na análise de 70 dados reais de uso linguístico, coletados de diferentes fontes, ela propôs que a CCB funciona como um *disparador de pressuposição negativa*, no sentido de que marca léxico-gramaticalmente a ciência do falante de que seu interlocutor não esperava ouvir o enunciado que está sendo proferido. Nesse sentido, defende-se que em (1), por exemplo, a construção marca a ciência do falante de que seu ouvinte não esperava ouvir que o episódio da série tenha sido assistido em sua ausência.

Embora decorra da análise de dados reais, essa interpretação se baseia em julgamento subjetivo, de modo que se mostra possível questionar a realidade psicológica dessa proposta. Diante disso, este estudo se apresenta como um esforço de verificação experimental da hipótese de Sousa (2021), cujo foco é exclusivamente descritivo. Para isso, realizamos um experimento off-line de paradigma de escolha forçada a fim de observar de que maneira falantes leigos de fato interpretam construtos da CCB. Nossa hipótese é a de que o experimento confirmará a proposta, apresentada em Sousa (2021), segundo a qual a CCB funciona, fundamentalmente, como um disparador de pressuposição negativa.

O trabalho está organizado como segue. Com o objetivo de apresentar o arcabouço teórico utilizado para a descrição e análise da CCB, discutiremos, no capítulo 2, os pressupostos teóricos da GCBU. Em seguida, o capítulo 3 delimitará de forma sistemática o objeto sobre o qual este estudo se debruça e sintetizará a proposta de Sousa (2021) acerca desse objeto. Na sequência, no capítulo 4, trataremos da metodologia aqui adotada e, no capítulo 5, apresentaremos e discutiremos os resultados obtidos. No capítulo 6, por fim, faremos uma síntese do trabalho.

## 2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, serão apresentados, na condição de bases teóricas essenciais para a descrição da CCB, os fundamentos de dois modelos teóricos: a Gramática de Construções (2.1), incluindo sua variante funcional-cognitiva conhecida como Gramática de Construções Baseada no Uso (2.2), e o modelo lambrechtiano (LAMBRECHT, 1994) de tratamento da Estrutura Informacional (2.3). Ao final, discutiremos, ainda, a noção de Intersubjetividade (2.4).

### 2.1. Gramática de Construções

A Gramática de Construções (GC) nasce na década de 1980, na Universidade da Califórnia, *campus* de Berkeley, a partir de contribuições fundamentais de autores como Charles Fillmore, Paul Kay e George Lakoff (FILLMORE, 1985; FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988; LAKOFF, 1987). O surgimento da GC pode ser interpretado como uma reação àquilo que Hilpert (2014) chamou de modelo dicionário-e-gramática. Amplamente aceito pela tradição gerativa, esse modelo geral assume que o conhecimento linguístico do falante é formado por dois componentes de natureza essencialmente distinta – um inventário de unidades (léxico) e um sistema derivacional (gramática). Segundo alguns autores, um modelo com tais características apresenta dificuldades para lidar com esquemas gramaticais simultaneamente idiomáticos e produtivos (FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988). Isso aconteceria, fundamentalmente, porque esses esquemas não poderiam ser acomodados com facilidade nem no léxico (por serem produtivos) nem na gramática (por serem idiomáticos).

A abordagem construcional surge, então, como uma alternativa à separação estrita entre léxico e gramática, ao propor a noção de conhecimento linguístico como uma rede hierárquica, e altamente estruturada, de unidades simbólicas (construções gramaticais). Fundamentalmente, portanto, a GC é um modelo teórico de representação do conhecimento linguístico que se baseia no princípio de que a totalidade desse conhecimento pode ser caracterizada em termos de construções gramaticais, ou seja, pareamentos de forma (informações de natureza morfossintática, fonológica e prosódica) e significado (informações de natureza semântica, discursiva e pragmática) – resultando, assim, em uma arquitetura gramatical constituída por construções “de cima abaixo” (GOLDBERG, 2006, p. 18)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> “Constructions all the way down” (GOLDBERG, 2006, p. 18).

Vale notar, contudo, que, ainda que todas as construções gramaticais sejam compostas por dois polos (um para informações de forma e outro para informações de significado), elas não são idênticas entre si. Em relação à forma, algumas apresentam sequências fonológicas – o que é o caso de palavras, como *televisão*, de expressões fixas, como *chutar o balde* e *engolir sapo*, e de padrões morfológicos ou sintáticos semipreenchidos, como *des + base verbal* e *que X que nada*. Em relação ao significado, algumas construções apresentam informações semânticas (como a cena evocada pelo padrão SUJEITO VERBO OBJETO (SVO) de um agente que atua sobre um paciente, observado em “João comeu o bolo”), enquanto outras apresentam informações de natureza pragmática (como o valor de pergunta do padrão entoacional ascendente). Esse *continuum* de construções pode ser visto na tabela 1 abaixo.

Tipo de construção	Exemplo
Palavra	televisão
Expressão fixa	chutar o balde; engolir sapo
Esquema morfológico	des + base verbal (ex: desfazer; desorganizar)
Esquema sintático semipreenchido	que X que nada (ex: que estudar que nada, eu quero é viajar)
Esquema sintático aberto	S V O (ex: João comeu o bolo)
Padrão entoacional	ascendente

Tabela 1: O *continuum* de construções gramaticais (adaptado de Pinheiro (2016)).

Vale destacar ainda que, de acordo com a GC, as construções gramaticais se organizam sob a forma de uma rede construcional, frequentemente referida na literatura como *constructicon*<sup>2</sup>. Em outras palavras, um ponto fundamental do modelo é a ideia de que as construções devem ser representadas como unidades interconectadas. Embora não haja consenso quanto aos tipos específicos de inter-relações que irmanam as construções, todas as variantes da GC atribuem importância central às relações do tipo *taxonômicas* – isto é, relações baseadas nos graus de generalidade (construções mais gerais ou abstratas) e especificidade (construções mais específicas ou concretas) das construções gramaticais. Sob essa ótica, construções preenchidas como “secar o cabelo” e “secar a louça” se apresentam

<sup>2</sup> O termo *constructicon* resulta de um cruzamento vocabular entre *construction* e *lexicon*.

como instâncias mais específicas da construção mais abstrata “SECAR + ELEMENTO PASSÍVEL DE SER SECO”<sup>3</sup>, como pode ser visto na imagem abaixo:

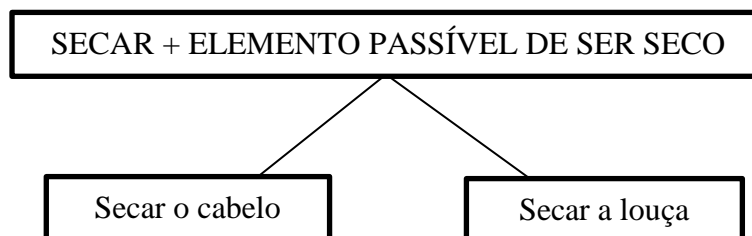


Figura 1: Rede de construções organizada por critérios taxonômicos.

## 2.2. Gramática de Construções Baseada no Uso

A Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) (LANGACKER, 1987; 1991; GOLDBERG, 1995; 2003; 2006; CROFT, 2001; 2013; BYBEE, 2010; 2013; PEREK, 2015; DIESSEL, 2015), na condição de variante funcional-cognitiva da GC, assume que o conhecimento linguístico é regido por processos cognitivos de domínio geral (como, por exemplo, a categorização e a analogia), o que equivale a dizer que as habilidades cognitivas que regem a cognição linguística são as mesmas que empregamos na cognição não-linguística (GOLDBERG, 2006; BYBEE, 2010). Nesse sentido, a GCBU compreende que a linguagem é um mecanismo integrante das capacidades cognitivas gerais humanas e, portanto, não pode ser dissociada das demais funções cognitivas que nossa mente desempenha.

Tome-se, a título de exemplo, a habilidade de estabelecer relações analógicas. Como mostra Pinheiro (2020), é por meio desse processo que se chega à obtenção de generalizações, tanto no domínio da linguagem quanto fora dele. Isto é: da mesma forma como essa habilidade permite estabelecer correspondências entre, digamos, inúmeros cachorros diferentes (de cores e tamanhos variados) e assim obter a representação genérica de CACHORRO, ela também permite que se obtenham padrões gramaticais como SVO, por exemplo, a partir da experiência do falante com um conjunto de sentenças do tipo “Clara comprou o computador” e “Thiago viu o filme”. Nesse sentido, a analogia, mecanismo que integra a cognição geral humana, permite que formemos padrões gramaticais gerais, o que, por sua vez, nos possibilitará “reconhecer e produzir enunciados inéditos que se encaixem nos padrões previamente formados” (PINHEIRO, 2020, p. 16).

<sup>3</sup> Como se verá a seguir, na seção 2.2., o modelo admite a possibilidade de que sequências fixas inteiramente composicionais – como, por exemplo, “secar o cabelo” – sejam armazenadas como construções independentes, o que depende fundamentalmente da sua frequência de ocorrência.



Uma segunda premissa desse modelo teórico é a de que todo o conhecimento gramatical do falante é moldado permanentemente a partir do *input* linguístico (isto é, assume-se, como hipótese nula, a inexistência de uma Gramática Universal inata). Considerando essa hipótese, a GCBU admite a possibilidade de redundância construcional, já que é possível que o falante armazene mais construções do que o que seria estritamente necessário do ponto de vista analítico – bastando para isso que ele seja exposto repetidamente a certas sequências. De acordo com Pinheiro (2016, p. 38), o fato de a GCBU admitir a existência de representações redundantes na rede construcional demonstra que “o compromisso do modelo é com a realidade psicológica – e não com a parcimônia descritiva”. Sob essa ótica, em suma, o *constructicon* pode armazenar expressões idiomáticas, isto é, expressões que não possuem forma e/ou significado previsíveis (como “segurar vela”), mas também construções regulares com significados inteiramente composicionais, como “secar o cabelo” ou “secar a louça”.

Em síntese, são estes os dois princípios básicos da GCBU: (i) a ideia de que o conhecimento linguístico responde a processos cognitivos gerais e (ii) a ideia de que o conhecimento linguístico é continuamente moldado pela experiência do falante com a língua – o que, por sua vez, implica a possibilidade de representação redundante na rede construcional.

### 2.3. Estrutura Informacional: os conceitos de pressuposição e asserção

Para Lambrecht (1994, p. 5), a Estrutura Informacional pode ser entendida como o

componente da estrutura gramatical da sentença, em que proposições como representações de estados de coisas são pareadas com estruturas léxico-gramaticais, de acordo com o estado mental dos interlocutores, que usam e interpretam tais estruturas como unidades de informação em dados contextos discursivos (LAMBRECHT, 1994, p. 5).<sup>4</sup>

Em outros termos, a Estrutura Informacional investiga de que maneira assunções do falante sobre o estado mental do ouvinte produzem impactos sobre a forma gramatical dos enunciados proferidos.

Nesta seção, iremos nos deter, fundamentalmente, sobre dois conceitos centrais em Estrutura Informacional: as noções de pressuposição e asserção. Para isso, partimos da noção de *informação proposicional*. Lambrecht (1994) parte do princípio de que, ao produzir um

---

<sup>4</sup> Tradução nossa. Original: “That component of sentence grammar in which propositions as conceptual representations of states of affairs are paired with lexicogrammatical structures in accordance with the mental states of interlocutors who use and interpret these structures as units of information in given discourse contexts”.

enunciado, o falante altera o conjunto de conhecimentos do ouvinte e, portanto, sua representação mental da realidade. Para o autor, essa representação pode ser capturada sob a forma de um conjunto de proposições. Assim, de acordo com essa abordagem, conhecer uma proposição equivale a ter construída sua representação mental – e não conhecer seu estatuto de verdade (isto é, saber se a informação veiculada é verdadeira ou falsa).

Nos termos de Lambrecht, uma sentença proferida “tipicamente contém alguma manifestação lexical ou gramatical da informação que se presume que já exista na mente do falante como um ponto de partida ou base verbal para a informação nova a ser adicionada” (LAMBRECHT, 1994, p. 51, tradução nossa). Em outras palavras, a informação transmitida por um enunciado é uma combinação de proposições novas e velhas. Esses dois tipos de proposições são referidos, respectivamente, como *asserções* e *pressuposições*.

Como esses dois conceitos são centrais para o modelo lambrechtiano, eles demandam, evidentemente, definições sistemáticas. Para o autor, uma asserção é uma proposição “da qual se espera que o ouvinte tome conhecimento como resultado de escutar a sentença proferida” (LAMBRECHT, 1994, p. 52, tradução nossa). Uma pressuposição, em contrapartida, é uma proposição léxico-gramaticalmente evocada, a qual o ouvinte “já conhece ou está pronto para pressupor no momento em que a sentença é proferida” (LAMBRECHT, 1994, p. 52, tradução nossa). Como exemplo, tomemos a seguinte sentença:

(6) Resolvi o problema que deu no meu carro.

Em (6), há uma série de proposições em jogo ao se veicular a informação: (i) o fato de que o falante tem um carro; (ii) o fato de que esse carro teve algum problema; e (iii) o fato de que esse problema foi resolvido. As duas primeiras proposições correspondem a informações que, além de serem tomadas como já conhecidas pelo ouvinte, são *evocadas* por meio de marcas formais específicas (respectivamente, o determinante definido e a estrutura relativa); tais proposições são chamadas de *pressuposições*. Já a última proposição, a de que o falante conseguiu resolver o problema do carro, corresponde à informação nova fornecida pela sentença proferida e é, então, referida como uma *asserção*.

Neste ponto, é importante acrescentar que uma asserção não é apenas uma proposição que se pretende nova para o interlocutor. Mais do que isso, trata-se de uma *proposição pragmaticamente estruturada*. Com isso, entende-se que a asserção reflete certas assunções feitas pelo falante acerca do estado mental de seu ouvinte no momento da enunciação, sinalizando no enunciado o que já é supostamente conhecido e o que se assume ser novidade

(LAMBRECHT, 1994, p. 53). Na prática, isso significa que sentenças de um par como “O João pintou o quadro” e “Foi o João que pintou o quadro” veiculam a mesma proposição (um evento de pintura do quadro protagonizado por João), mas a estruturam pragmaticamente de formas muito distintas (no segundo caso, mas não no primeiro, assume-se que o ouvinte já sabia que o quadro havia sido pintado). Isso significa dizer, em termos pragmáticos, que a realização de uma asserção implica a existência de uma *relação intersubjetiva* entre os participantes da interação, uma vez que ela reflete um cálculo do falante acerca do estado mental corrente de seu ouvinte. É sobre esse tipo de relação que nos debruçamos na próxima seção.

#### **2.4. Intersubjetividade**

Em *Constructions of Intersubjectivity* (VERHAGEN, 2005), Arie Verhagen sustenta que a língua é um sistema de convenções que pode ser entendido a partir da habilidade humana de estabelecer coordenação cognitiva com outros indivíduos. Segundo Tomasello (1999 *apud* VERHAGEN, 2005), nossa capacidade de assumir a perspectiva do outro é um dos traços determinantes para a distinção entre a cognição humana e a de outros animais. De acordo com o autor, a habilidade de reconhecer a si próprio e aos outros como agentes mentais é o que define a noção de *subjetividade*. Esta, por sua vez, se distingue do conceito de *objetividade*, que implica a descrição de situações da forma como elas são na realidade (ou da maneira mais próxima de como se apresentam no mundo real).

Partindo dessa distinção, Verhagen (2005) postula a existência de duas dimensões que estariam presentes em qualquer evento comunicativo (ilustradas pela Figura 2 abaixo): o *nível do objeto de conceptualização* (nível O) e o *nível do sujeito de conceptualização* (nível S). O nível O diz respeito aos objetos ou eventos conceptualizados em uma situação comunicativa. Os sujeitos de um evento comunicativo, por sua vez, pertencem ao nível S, que se refere à situação comunicativa, às interações entre os participantes da cena comunicativa e aos cálculos feitos acerca do que se passa na mente do interlocutor. Essa relação entre o falante e o ouvinte é referida como *intersubjetividade*.

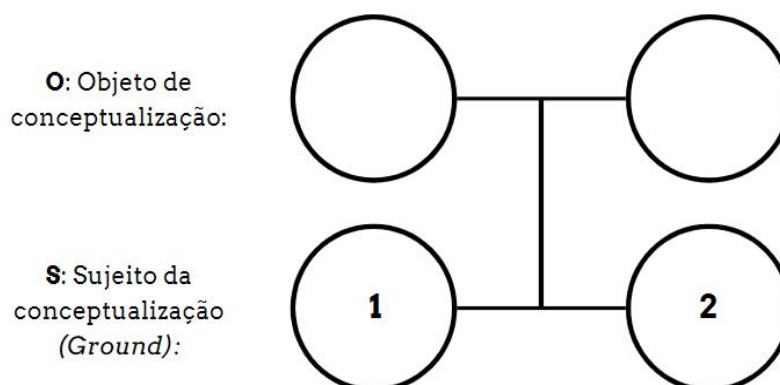


Figura 2: Elementos básicos da conceptualização (VERHAGEN, 2005, p.31).

Partindo dessa proposta, Verhagen refina o conceito de *Ground*, previamente proposto por Langacker (1990), para fazer referência ao evento de fala, seus participantes e a situação discursiva em que estão inseridos<sup>5</sup>, ao sugerir que o *Ground* de todo e qualquer uso linguístico abrange pelo menos dois conceptualizadores: o primeiro, responsável pela enunciação, e o segundo, cujo papel é o de interpretar o enunciado. Segundo o autor, esses sujeitos de conceptualização se engajam, por meio daquilo que é enunciado, em uma atividade de coordenação cognitiva relacionada a um objeto de conceptualização (relação demonstrada, na figura 2, pela linha horizontal inferior). Esse engajamento sincronizado tem como efeito, por sua vez, a atualização permanente do *common ground*, entendido como o conjunto de conhecimentos compartilhados pelos conceptualizadores.

Essa articulação cognitiva na qual se engajam os sujeitos de conceptualização é, portanto, *intersubjetiva*, uma vez que se dá no momento em que o primeiro conceptualizador, a partir do uso linguístico, convoca o segundo a observar um objeto de conceptualização de um modo específico.

<sup>5</sup> Os diferentes tratamentos do termo *Ground* e de outros fenômenos concernentes aos estudos sobre subjetividade e intersubjetividade são apontados em Ferrari e Almeida (2015).

### 3. SÍNTESE DA PROPOSTA

Como apontado na Introdução, o objetivo deste estudo é verificar empiricamente a realidade psicológica da proposta apresentada em Sousa (2021) a respeito da Construção de Contraexpectativa com Bem (CCB). Este capítulo se propõe tanto a delimitar a construção gramatical aqui investigada quanto a apresentar uma síntese da hipótese defendida no trabalho de Sousa acerca do valor semântico-pragmático dessa construção.

Do ponto de vista da forma, a autora argumenta que a CCB pode exibir quatro configurações sintáticas distintas; a saber: (i) com o item “bem” imediatamente antes do predicado; (ii) com o item “bem” imediatamente antes do complemento verbal; (iii) com o item “bem” precedendo um adjunto; e (iv) com o item “bem” precedendo um predicativo. Essas quatro possibilidades podem ser vistas, respectivamente, nos exemplos abaixo:

- (7) Meu nariz bem sangrou hoje.
- (8) Tá tendo bem um festival de cerveja lá na vila.
- (9) Vai ter um show bem lá no teatro.
- (10) Minha saia bem tá aberta.

A possibilidade de o item “bem” ser realizado em quatro diferentes configurações formais indica, segundo a perspectiva construcionista, que há uma construção mais abstrata, não marcada quanto à posição do “bem”, à qual essas quatro subconstruções se subordinam, como ilustrado na figura abaixo.

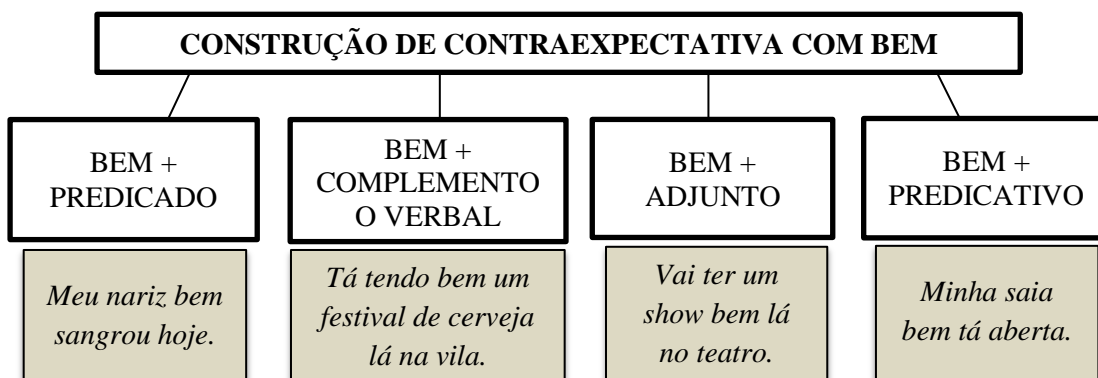


Figura 3: Representação Construcional da Construção de Contraexpectativa com Bem (CCB), adaptado de Sousa (2021).

Apesar disso, a hipótese formulada em Sousa (2021) abstrai as diferenças formais da CCB a fim de estudar, estritamente, o polo semântico da construção mais abstrata. Relembramos, então, os exemplos (1) e (2), repetidos abaixo como (11) e (12), que consistem em instâncias particulares da CCB.

(11) Eu bem vi o episódio da série sem você.

(12) Eu fiz um brinco lindo, mas eu bem já vendi.

Como forma de capturar uma generalização acerca do significado da construção, a autora propõe que a CCB atua como um *marcador de contraexpectativa*. Em outras palavras, ela defende que a CCB marca a ciência do falante de que seu interlocutor tinha a expectativa de que o enunciado produzido pelo primeiro não seria proferido. Isso significa dizer que, em (11), por exemplo, o falante usa a CCB para sinalizar que está ciente de que o seu interlocutor não esperava ouvir a confissão, por parte do primeiro, de que o episódio da série tenha sido assistido na sua ausência. De mesmo modo, em (12), o falante recorre à CCB para sinalizar sua ciência (ou sua assunção) de que seu ouvinte não esperava ouvir que o brinco feito pelo primeiro já tenha sido vendido – uma vez que, como cliente, o ouvinte provavelmente esperaria poder ver e experimentar (e, possivelmente, comprar) o brinco. Diante dessa análise, é possível postular que, do ponto de vista da Estrutura Informacional, esse uso da CCB tem a função de negar a validade de uma proposição pressuposta. Por essa razão, a autora defende que ela funciona como um *disparador de pressuposição negativa*.

Nesse sentido, fica claro que a CCB deve ser entendida como uma construção pressuposicional e intersubjetiva, tendo em vista que revela um cálculo feito por parte do falante acerca do que se passa na mente no interlocutor. Diante disso, parece razoável propor que a CCB não tem propriamente um valor *semântico*, já que seu papel não é construir um objeto de conceptualização particular (em outras palavras, ela não atua no nível O). Sua função, na verdade, é *pragmática*, tendo em vista que ela parece desempenhar o papel de gerenciar a relação intersubjetiva entre os participantes de uma interação, atribuindo uma estruturação pragmática específica para o objeto de conceptualização (em outras palavras, ela atua no nível S). Ao realizar esse gerenciamento, a construção enquadra o objeto de conceptualização como algo que o falante assume que o ouvinte não espera ouvir.

Neste ponto, é preciso acrescentar que o valor semântico-pragmático descrito até aqui corresponde, na verdade, a apenas um dos usos reconhecidos para a CCB: aqueles em que há *quebra de expectativa em relação ao conteúdo proposicional* do enunciado proferido. Sousa

(2021) identifica ainda outros dois usos da construção que, embora se conformem à generalização apresentada acima, apresentam especificidades que devem ser reconhecidas e descritas separadamente.

Segundo a autora, esses dois usos têm em comum o fato de que, neles, a quebra de expectativa se dá não em relação ao conteúdo proposicional veiculado, mas em relação a *normas de comportamento interacional*. Esses usos, por sua vez, se dividem em dois subtipos. Em um deles, a quebra de expectativa ocorre em relação a *normas de polidez* – é o que se pode observar em “Você bem podia me fazer um carinho”, em que a construção marca a ciência do falante de que seu ouvinte não esperava ser submetido a um pedido. No outro subtipo, a quebra de expectativa se dá em relação a *normas de cooperação conversacional* – este caso pode ser atestado em usos como “Eu bem tô em Madureira”. Este dado ocorreu num contexto (durante uma conversa de WhatsApp) em que se falava sobre outro assunto, sem qualquer relação com a informação fornecida pela sentença. Nesse caso, defende-se que a construção atua como um marcador gramatical responsável por introduzir um novo tópico na interação, já que o conteúdo da sentença não tem relação com o assunto corrente naquele momento do intercâmbio comunicativo. Assim, ela sinaliza a ciência do falante de que está realizando uma mudança abrupta de tópico.

Esses dois últimos usos, no entanto, não têm relação direta com este trabalho pelo fato de serem menos operacionalizáveis em termos experimentais. Por esse motivo, neste estudo, cujo objetivo é verificar empiricamente a realidade psicológica da proposta descrita em Sousa (2021), será focalizado apenas o uso da CCB em que a quebra de expectativa ocorre em relação ao conteúdo proposicional<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> De agora em diante, todas as referências à CCB e a seu valor semântico-pragmático dirão respeito a esse uso em específico.

## 4. METODOLOGIA

O objetivo deste capítulo é detalhar a metodologia adotada neste estudo a fim de verificar a hipótese apresentada em Sousa (2021) e sintetizada no capítulo anterior. Para isso, apresentaremos o desenho experimental (4.1), trataremos dos materiais e procedimentos adotados (4.2) e descreveremos como se deu a composição dos estímulos (4.3). Em seguida, será descrito o perfil dos participantes (4.4) e, na sequência, serão apresentados a previsão experimental e os procedimentos realizados para a análise estatística dos dados obtidos (4.5).

### 4.1. Desenho experimental

A fim de testar a hipótese apresentada no capítulo anterior, foi realizado um experimento off-line de paradigma de escolha forçada. No experimento, os participantes eram expostos a sentenças com e sem a CCB, como mostram os exemplos abaixo<sup>7</sup>:

(13) O João bem tirou 10 em matemática.

(14) O João tirou 10 em matemática.

(15) A Joana bem pintou o cabelo.

(16) A Joana pintou o cabelo.

Como discutido no capítulo 3, é possível afirmar, à luz da proposta de Sousa (2021), que sentenças como (13) e (15) *evocam* uma pressuposição (respectivamente, a de que João não fosse tirar 10 em matemática e a de que Joana não fosse pintar o cabelo) e *veiculam* uma asserção exatamente contrária (respectivamente, a de que João, na verdade, tirou 10 em matemática e a de que Joana, na verdade, pintou o cabelo) – o que não ocorreria em sentenças como (14) e (16), que se configuram como simples asserções ou representações de um fato (nesse caso, a nota tirada por João em matemática e a mudança feita por Joana em seu cabelo), sem a presença de disparador de pressuposição de qualquer natureza.

Após ler cada sentença, os sujeitos experimentais deveriam responder a uma pergunta interpretativa por meio da escolha de uma dentre três opções de respostas, identificadas como (A), (B) e (C). Embora o conteúdo específico das alternativas variasse a depender da sentença à qual se referiam (mais detalhes sobre a composição dos estímulos na seção 4.3), em todos os casos elas mantinham a mesma estrutura. A saber: a alternativa (A) descrevia uma

---

<sup>7</sup> Naturalmente, um mesmo participante não era exposto a estímulos tão próximos do ponto de vista do material lexical. Esse ponto será tratado na seção 4.3, que descreve a estrutura e distribuição dos estímulos.



expectativa positiva em relação ao conteúdo da sentença (por exemplo, já era esperado que João tirasse 10 em matemática); a alternativa (B) descrevia uma expectativa negativa em relação ao conteúdo da sentença (por exemplo, *não* era esperado que João tirasse 10 em matemática); e a alternativa (C) indicava que não era possível definir entre as afirmações presentes em (A) e em (B). Em termos técnicos, todas as alternativas (A) envolviam *evocação de pressuposto positivo*, todas as alternativas (B) envolviam *evocação de pressuposto negativo* e todas as alternativas (C) envolviam *impossibilidade de escolher entre (A) ou (B)*.

Desse modo, a nossa variável dependente é a quantidade de vezes em que cada alternativa (as opções (A), (B) e (C)) é escolhida, ao passo que a variável independente é a presença ou a ausência da CCB nas sentenças expostas aos sujeitos. Note-se que os estímulos críticos sem a presença da CCB foram incluídos no experimento como forma de controlar se uma eventual tendência a respostas B para instâncias da CCB poderia ser de fato associada à presença dessa construção gramatical.

Por fim, o delineamento do experimento foi intrasujeitos, o que permitiu que todos os participantes fossem expostos a estímulos de ambas as condições (com e sem a CCB).

## 4.2. Materiais e procedimentos

Todos os participantes foram instruídos oralmente sobre a dinâmica do experimento antes de iniciá-lo. Ao começar o teste, realizado no software OpenSesame (versão 3.2.3b1), as instruções introdutórias disponibilizadas na tela reforçavam as explicações dadas oralmente. Cada sujeito julgou três estímulos de treinamento ainda ao lado do pesquisador – assim, poderiam facilmente se comunicar caso ainda restassem dúvidas acerca da tarefa experimental. Em seguida, os participantes foram deixados a sós para completar o teste.

Cada participante foi exposto a dezesseis estímulos distratores e a oito estímulos críticos: quatro da condição com a CCB e quatro da condição sem a CCB<sup>8</sup>. Após cada frase, que ficava disponível na tela por 4800ms, o participante deveria selecionar uma dentre três alternativas (A, B ou C) relativas à sentença que havia acabado de ler. Apesar de a exposição à sentença ter duração limitada, os participantes tinham o tempo que julgassem necessário para selecionar as alternativas.

Tendo em vista que buscamos verificar se a quebra de expectativa presente nas sentenças com a CCB poderia ser revelada nas respostas dadas pelos participantes do experimento, pedimos a cada participante que imaginasse uma situação hipotética que

---

<sup>8</sup> Todos os estímulos (críticos e distratores) e as instruções escritas estão disponíveis no Apêndice deste trabalho.

pudesse auxiliar na construção de um contexto pragmático para as frases a que seriam expostos. Nessa situação imaginária, o participante entra em uma sala onde conversam dois amigos, um menino e uma menina (os quais ele não conhece), e, em sequência, ouve a menina dizer uma frase para o menino – desse modo, dentro dessa cena hipotética, cada frase a ser julgada pelos informantes é proferida por essa personagem (a *menina*). Nesse contexto, atuando como observador do diálogo entre esses dois personagens, o sujeito deveria inferir, a partir de um enunciado produzido pela menina, que “cálculo” ela estava fazendo em relação ao estado mental do interlocutor (o *menino*).

### 4.3. Composição e distribuição dos estímulos

Foram criados oito estímulos críticos e dezesseis estímulos distratores. Utilizamos o delineamento experimental em quadrado latino para dividir os estímulos críticos em dois scripts (A e B), a fim de impedir a repetição de material lexical entre as duas condições experimentais (com e sem a CCB). Todos os estímulos críticos com a presença da Construção de Contraexpectativa com Bem que compuseram o experimento foram elaborados de acordo com o padrão SVO, sempre com o item “bem” posposto ao sujeito. A mesma estrutura oracional foi usada como base para criar os estímulos críticos sem a CCB, que, no entanto, não contavam com disparador pressuposicional ou focalizador de qualquer natureza.

Como mencionado, para cada sentença lida, o participante deveria selecionar uma dentre três alternativas (A, B ou C). As alternativas A e B, de todas as frases do experimento, indicavam uma expectativa (sobre o conteúdo proposicional expresso pela menina) *do menino* (o ouvinte), e não *da menina* (o falante), enquanto a alternativa C sempre apontava a impossibilidade de afirmar A ou B. A alternativa A, para todas as sentenças, indicava uma expectativa positiva do *menino* em relação à sentença proferida pela *menina* (o menino esperava que X) – isto é, a informação dada pela menina era esperada por ele. A alternativa B, por outro lado, sempre indicava uma expectativa negativa do *menino* em relação ao conteúdo do que é dito pela *menina* (o menino não esperava que X) – isto é, a informação dada pela menina não era esperada por ele. Exemplos de sentenças nas duas condições – com as respectivas alternativas – podem ser vistos a seguir:

O João bem tirou 10 em matemática.

Na sua opinião:

- a) O menino esperava que João tivesse tirado 10 em matemática.
- b) O menino não esperava que João tivesse tirado 10 em matemática.

c) Não é possível afirmar que A nem B são verdade.

O João tirou 10 em matemática.

Na sua opinião:

- a) O menino esperava que João tivesse tirado 10 em matemática.
- b) O menino não esperava que João tivesse tirado 10 em matemática.
- c) Não é possível afirmar que A nem B são verdade.

A Joana bem pintou o cabelo.

Na sua opinião:

- a) O menino esperava que Joana tivesse pintado o cabelo.
- b) O menino não esperava que Joana tivesse pintado o cabelo.
- c) Não é possível afirmar que A nem B são verdade.

A Joana pintou o cabelo.

Na sua opinião:

- a) O menino esperava que Joana tivesse pintado o cabelo.
- b) O menino não esperava que Joana tivesse pintado o cabelo.
- c) Não é possível afirmar que A nem B são verdade.

#### 4.4. Perfil dos participantes

30 sujeitos, de 19 a 64 anos, participaram voluntariamente do experimento. Todos os participantes eram falantes nativos do PB e possuíam ensino superior completo ou incompleto, em áreas de formação diversas. Optamos por não rodar o experimento com estudantes de Letras que pudessem ter afinidade com a área de Linguística, visto que poderiam identificar mais facilmente o objeto investigado, o que afetaria as respostas dadas por esses voluntários.

#### 4.5. Previsão experimental e análise estatística

Anteriormente, especificamos a hipótese que nosso experimento buscou verificar: a de que a CCB atua como um disparador de pressuposição negativa (SOUSA, 2021). Traduzindo a hipótese apresentada para o contexto do experimento, nossa previsão é a de que, para os estímulos com a CCB, a quantidade de escolhas da alternativa B será significativamente maior do que a quantidade de escolhas das demais alternativas – ao passo que o mesmo não será verdadeiro para os estímulos sem a CCB.

Para a análise estatística dos dados obtidos, foram realizados dois testes qui-quadrado de bondade de ajuste (“goodness of fit”). Inicialmente, dividimos os resultados de acordo com as três categorias a que dizia respeito cada alternativa (A, B e C) do experimento. Dessa maneira, as opções A foram inseridas na categoria de *evocação de pressuposto positivo*; as opções B, *evocação de pressuposto negativo*; e as opções C, *indefinição*. Calculamos, separadamente, a diferença estatística entre as respostas dadas para cada condição (com e sem a CCB). Nesse caso, o grupo de respostas sem a CCB funcionou como um grupo controle, no sentido de que teve a função de mostrar se a tendência evidenciada para os estímulos com a CCB era ou não motivada pela presença da construção. O quadro abaixo sintetiza a hipótese, as previsões experimentais e os testes estatísticos realizados.

<b>HIPÓTESE</b>	<b>PREVISÕES EXPERIMENTAIS</b>	<b>TESTES ESTATÍSTICOS</b>
A CCB tem valor de contraexpectativa e atua como um disparador de pressuposição negativa.	A quantidade de seleções da alternativa ligada à evocação de pressuposto negativo (B) será significativamente maior nos construtos com a CCB, ao passo que o mesmo não será verdade para os construtos sem a CCB.	Dois testes qui-quadrado de bondade de ajuste: um para os estímulos com a CCB e o outro para os estímulos sem a CCB.

Tabela 2: Hipótese, previsões experimentais e testes estatísticos aplicados.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentamos, anteriormente, a proposta de que a CCB atua como um disparador de pressuposição negativa, no sentido de que marca a ciência do falante de que seu ouvinte não esperava ouvir o enunciado proferido pelo primeiro. Experimentalmente, essa hipótese se traduz na previsão de que os estímulos críticos que consistem em construtos da CCB receberão mais respostas B (evocação de pressuposto negativo) em comparação com as outras respostas (ao passo que o mesmo não será verdadeiro para os estímulos sem a CCB). A tabela 3 e o gráfico 1 abaixo mostram os resultados obtidos no primeiro teste qui-quadrado de bondade de ajuste, que analisou as respostas atribuídas exclusivamente aos estímulos da condição com a CCB<sup>9</sup>.

Presença da CCB	
Alternativa	Número de respostas
Evocação de pressuposto positivo (A)	17
Evocação de pressuposto negativo (B)	69
Indefinição (C)	34

Tabela 3: Número de respostas atribuídas ao grupo de estímulos com a CCB.

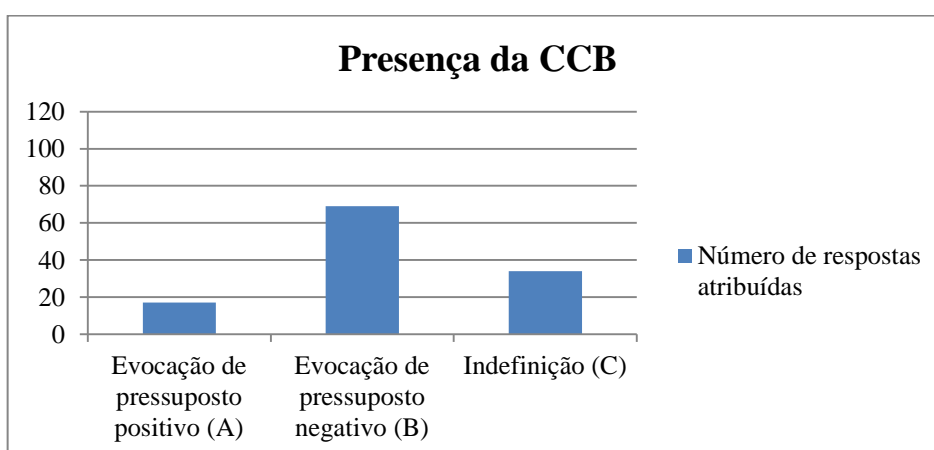


Gráfico 1: Respostas atribuídas ao grupo de estímulos com a CCB.

De um total de 120 dados, a alternativa mais escolhida foi a B (evocação de pressuposto negativo), selecionada 69 vezes, ao passo que a alternativa A (evocação de

<sup>9</sup> Vale ressaltar que excluímos da análise os resultados em que o informante marcou a mesma alternativa em todos os estímulos, pois entendemos que, dessa forma, não houve real julgamento das sentenças lidas.

pressuposto positivo) foi escolhida 17 vezes e a C (indefinição), 34 vezes. Isto é, observa-se, na tabela 2 e no gráfico 1, uma nítida preferência pela opção que indica evocação de pressuposto negativo, uma vez que os participantes optaram mais vezes pela alternativa B do que pelas outras duas alternativas somadas, e que essa diferença se revelou estatisticamente significativa ( $p < 0.00001$ ). Esse resultado sugere enfaticamente que a presença da CCB de fato favorece a leitura de contraexpectativa.

Embora esses resultados revelem diferença significativa entre as respostas atribuídas à condição com a CCB, foi necessário verificar se essa era uma diferença a ser atribuída especificamente ao emprego dessa construção gramatical, e não a algum tipo de tendência geral que estaria presente em quaisquer tipos de sentenças. Por isso, comparamos esses resultados com os resultados do teste qui-quadrado de bondade de ajuste feito com os dados sem a construção, com o intuito de observar se essa tendência se manteve ou se o tipo de respostas atribuídas a esse segundo grupo é diferente do primeiro. A tabela 4 e o gráfico 2 mostram os resultados obtidos nesse segundo teste estatístico.

<b>Ausência da CCB</b>	
<b>Alternativa</b>	<b>Número de respostas</b>
Evocação de pressuposto positivo (A)	25
Evocação de pressuposto negativo (B)	28
Indefinição (C)	67

Tabela 4: Número de respostas atribuídas ao grupo de estímulos sem a CCB.

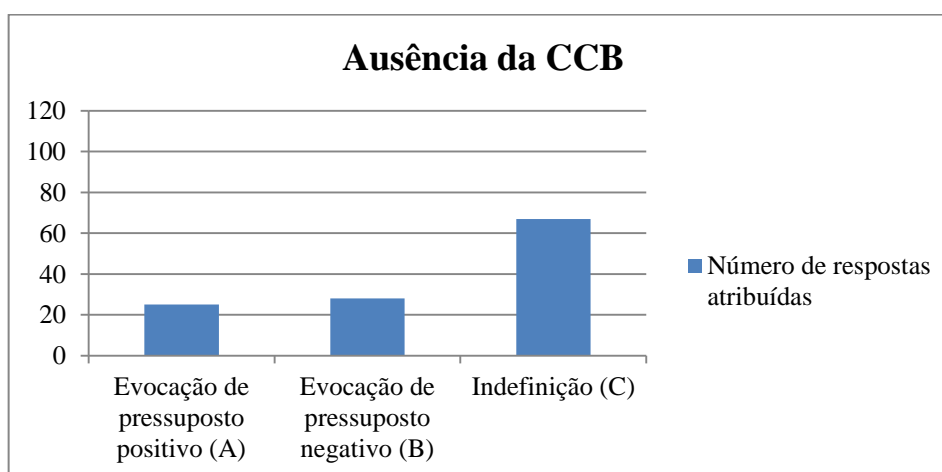


Gráfico 2: Respostas atribuídas ao grupo de estímulos sem a CCB.

Quanto ao grupo de estímulos sem a CCB, lembremos que se trata de sentenças SVO simples, destituídas de qualquer disparador de pressuposição, e a partir das quais, portanto, não parece ser possível inferir qualquer tipo de expectativa (positiva ou negativa). Essa avaliação é compatível com dois fatos verificados experimentalmente: (i) a alternativa selecionada com mais frequência foi a opção C (indefinição), escolhida 67 vezes, e (ii) dentre aqueles que não escolheram a opção C, o número de sujeitos que parecem inferir algum tipo de expectativa é extremamente dividido (já que houve 25 ocorrências para evocação de pressuposto positivo e 28 para evocação de pressuposto negativo). A preferência pela opção (C), para os estímulos sem a CCB, em detrimento das demais opções, também se mostrou estatisticamente significativa ( $p < 0.00001$ ). Esses resultados sugerem que a interpretação de pressuposição negativa *não* emerge na ausência da CCB.

Em suma, foi possível verificar que a inferência de pressuposição negativa é muito expressiva quando há a presença da CCB. Esse resultado pode ser observado numericamente, uma vez que a quantidade de seleções da opção B passa de 28 (na condição sem a CCB) para 69 (na condição com a CCB), ao passo que a quantidade de seleções da alternativa A passa de 17 para 25 e da opção C, de apenas 34 para 67. Esses números, ao mesmo tempo, sugerem que (i) a CCB de fato parece estar associada a uma interpretação de evocação de pressuposição negativa, conforme revela o primeiro teste estatístico, e que (ii) essa parece de fato ser uma característica particular da CCB, e não uma tendência geral de interpretação para quaisquer tipos de enunciado, conforme indica o segundo teste estatístico. Nesse sentido, em termos de realidade psicológica, o conjunto de evidências experimentais aqui reportadas parece corroborar enfaticamente a proposta de Sousa (2021) de que a CCB atua como um disparador de pressuposição negativa.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, testamos empiricamente a hipótese defendida em Sousa (2021) acerca da Construção de Contraexpectativa com Bem (CCB). Segundo essa proposta, desenvolvida sob uma ótica funcional-cognitiva, a CCB atua como um disparador de pressuposição negativa, funcionando, assim, como um marcador de contraexpectativa. A fim de verificar essa hipótese, realizamos um experimento off-line de paradigma de escolha forçada, em que os sujeitos julgaram sentenças com e sem a construção. Os resultados obtidos revelaram diferença estatisticamente significativa entre as respostas dadas pelos participantes, o que fornece evidências em favor da realidade psicológica da proposta apresentada em Sousa (2021). A partir dessa contribuição, obtivemos importantes pistas acerca do valor semântico-pragmático de um dos inúmeros idiomatismos que compõem a gramática do PB.

Esta pesquisa, evidentemente, ainda deixa inúmeros caminhos a serem explorados. Tendo em vista que, conforme observado anteriormente, aqui demos conta de apenas um dos usos da CCB elencados em Sousa (2021), um possível desdobramento deste estudo é a verificação da realidade psicológica das duas outras propostas apresentadas pela autora (acerca dos usos em que a quebra de expectativa ocorre em relação a normas de comportamento interacional). Além disso, outra possível ramificação desta pesquisa é uma comparação entre a CCB e outras (prováveis) construções de contraexpectativa do PB, ainda pouco ou nada investigadas, como a construção “Bem que X” (exemplificada por sentenças como “Bem que eu queria viajar esse ano”) e a “Se bem que X” (exemplificada por “Estou preocupada com o prazo, se bem que ainda temos tempo”).



## REFERÊNCIAS

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

\_\_\_\_\_. Usage-based theory and exemplar representations of constructions. In: HOFFMAN, Thomas; TROUSDALE, Graeme (Eds). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford / New York: Oxford University Press, 2013. p. 50-69.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Oxford, Oxford University Press, 2001.

\_\_\_\_\_. Radical Construction Grammar. In: HOFFMAN, T.; TROUSDALE, G. (Orgs.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford. New York: Oxford University Press, 2013, p. 211-232.

DETOGNE, K. P.; LUQUETTI, E. C. F. O Estudo do item bem como marcador discursivo: uma perspectiva da linguística funcional para o ensino de língua materna. *Agenda Social*, volume 8, 2015, número 2, página 12.

DIESSEL, H. Usage-based Construction Grammar. In: DABROWSKA, E.; DIVJAK, D. *The Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015.

FERRARI, L.; ALMEIDA, P. de. Subjetividade e intersubjetividade em condicionais: alternâncias entre presente e futuro no português brasileiro. *Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto)*, v. 59, n. 1, p. 89-112, 2015.

FILLMORE, C. J. Syntactic intrusions and the notion of grammatical construction. *Proceedings of the 11th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 1985, pp. 73-86.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, C. *Regularity and idiomaticity in gramatical constructions* : the case of let alone. *Language*, 63, 3, 1988. p. 501-538.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: Univerity Press, 1995.

\_\_\_\_\_. *Constructions: a new theoretical approach to language*. *Trends in Cognitive sciences*, v. 7, n. 5, 2003, p. 219-224.

\_\_\_\_\_. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. New York: Oxford University Press, 2006.

HILPERT, M. *Construction Grammar and its Applications to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University Press, 1987.

ILARI, R.; NEVES, M. H. M. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

LAMBRECHT, K. *Informational structure and sentence form: topic, focus and the mental representation of referents*. Cambridge: University Press, 1994.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. *Subjectification*. *Cognitive Linguistics*, Berlin; New York, v.1, n.1, p. 5-38, 1990.

\_\_\_\_\_. *Foundations of cognitive grammar: descriptive application*. Stanford: University Press, 1991.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

PEREK, F. *Argument structure in Usage-Based Construction Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2015.

PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (Orgs.). *Linguística Cognitiva: dos bastidores da cognição à linguagem*. Campos: Brasil Multicultural, 2016.

\_\_\_\_\_. Linguística Funcional-Cognitiva: fundamentos teóricos e aplicação ao ensino de língua. In: FREITAS, R.; SOARES, L. A. A.; NASCIMENTO, J. P. S. (Orgs.). *Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas*. pp. 10-22, 2020.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SOUSA, C. *A Construção de Contraexpectativa com Bem e seu valor semântico-pragmático*. 2021.

VERHAGEN, A. *Constructions of intersubjectivity: Discourse, syntax, and cognition*. Oxford University Press on Demand, 2005.

## APÊNDICE

### Instruções dadas aos participantes

Você foi convidado a participar de um experimento linguístico muito simples.

Leia as instruções a seguir com bastante atenção.

Responda ao que for solicitado de modo rápido e preciso.

[TECLE ENTER PARA AVANÇAR]

Nesse experimento, você lerá uma sequência de frases. Para cada frase lida, considere a seguinte situação hipotética: imagine que você acabou de entrar em uma sala em que estão dois amigos - um menino e uma menina -, os quais você não conhece.

Na sequência, você escuta a menina dizer uma frase para o menino. Sua tarefa consiste simplesmente em responder às perguntas que seguem considerando apenas a sentença que você leu previamente.

Cada pergunta terá 3 alternativas: a, b, ou c. Importante lembrar: para confirmar sua resposta, você deverá clicar a tecla da alternativa escolhida (a, b, ou c) duas vezes.

[TECLE ENTER PARA AVANÇAR]

Lembre-se: você não está sendo avaliado e, ao responder as perguntas, não deve levar em consideração as regras gramaticais aprendidas na escola, tampouco suas opiniões e crenças particulares sobre o mundo. Ao responder cada uma das perguntas, considere apenas a maneira como elas soam aos seus ouvidos, ou seja, responda utilizando apenas a sua intuição de falante do português.

Antes de começarmos, vamos treinar?

[TECLE ENTER PARA AVANÇAR]

Se ainda há alguma dúvida, sinta-se a vontade para perguntar ao pesquisador presente.

Se não, tecla enter para começar!

## Estímulos (Script A)

	CONDIÇÃO	SENTENÇA
1	Distrator	Joaquim parou de fumar.
2	Distrator	Pedro largou o curso de Linguística.
3	Crítico	O João bem tirou 10 em matemática.
4	Distrator	Carla não ouviu o tiroteio.
5	Distrator	Lucas se arrependeu de ter discutido com a esposa.
6	Crítico	A Joana pintou o cabelo
7	Distrator	Mariana não ficou sabendo do show.
8	Distrator	Luiza não conseguiu vencer o câncer.
9	Crítico	O Luiz bem comprou um livro.
10	Distrator	Não foi o Marcos que beijou a mulher.
11	Distrator	O que José não perdeu foi sua carteira.
12	Crítico	A Sofia foi passear na praia.
13	Distrator	Enquanto eu lavava a louça, Stephany escondeu o brinquedo.
14	Distrator	Se só o Henrique foi mal na prova, então ela deve ser sido fácil.
15	Crítico	A Eliane foi à missa hoje.
16	Distrator	Já que eu não ganhei o presente, Carlos terá de comprá-lo.
17	Distrator	Antes da explosão acontecer, Virgínia ligou para o homem.
18	Crítico	O Paulo bem comeu brigadeiro ontem.
19	Distrator	Depois da aula, Maria visitou o museu.
20	Distrator	As crianças, que foram expulsas da escola, apareceram ontem.
21	Crítico	A Fernanda viajou para os Estados Unidos mês passado.
22	Distrator	Se até Tânia apareceu, Paula virá.
23	Crítico	O Carlos bem comeu tomate.
24	Distrator	Uma vez que eles chegarem, Felícia abrirá a porta.

**Estímulos (Script B)**

	<b>CONDIÇÃO</b>	<b>SENTENÇA</b>
1	Distrator	Joaquim parou de fumar.
2	Distrator	Pedro largou o curso de Linguística.
3	Crítico	O João tirou 10 em matemática.
4	Distrator	Carla não ouviu o tiroteio.
5	Distrator	Lucas se arrependeu de ter discutido com a esposa.
6	Crítico	A Joana bem pintou o cabelo
7	Distrator	Mariana não ficou sabendo do show.
8	Distrator	Luiza não conseguiu vencer o câncer.
9	Crítico	O Luiz comprou um livro.
10	Distrator	Não foi o Marcos que beijou a mulher.
11	Distrator	O que José não perdeu foi sua carteira.
12	Crítico	A Sofia bem foi passear na praia.
13	Distrator	Enquanto eu lavava a louça, Stephany escondeu o brinquedo.
14	Distrator	Se só o Henrique foi mal na prova, então ela deve ser sido fácil.
15	Crítico	A Eliane bem foi à missa hoje.
16	Distrator	Já que eu não ganhei o presente, Carlos terá de comprá-lo.
17	Distrator	Antes da explosão acontecer, Virgínia ligou para o homem.
18	Crítico	O Paulo comeu brigadeiro ontem.
19	Distrator	Depois da aula, Maria visitou o museu.
20	Distrator	As crianças, que foram expulsas da escola, apareceram ontem.
21	Crítico	A Fernanda bem viajou para os Estados Unidos mês passado.
22	Distrator	Se até Tânia apareceu, Paula virá.
23	Crítico	O Carlos comeu tomate.
24	Distrator	Uma vez que eles chegarem, Felícia abrirá a porta.

### Graus conferidos por cada participante para todos os estímulos críticos

#### Legenda:

Sentenças com a CX
Sentenças sem a CX
Sujeitos
Respostas desconsideradas
Alternativa selecionada

#### Script A

	3	6	9	12	15	18	21	23
1	A	C	B	C	A	C	A	C
2	C	B	A	B	A	B	B	B
3	B	A	B	B	B	B	C	C
4	C	C	C	C	C	C	C	B
5	B	B	B	B	A	B	A	B
6	A	A	A	A	A	B	C	A
7	B	B	A	B	A	A	A	B
8	B	B	A	B	C	A	C	A
9	B	C	C	C	C	B	C	B
10	B	B	B	B	B	B	B	B
11	B	C	B	B	C	B	C	B
X	A	A	A	A	A	A	A	A
12	C	B	B	B	A	B	B	A
13	C	C	C	C	C	B	C	C
14	B	C	B	C	C	C	C	C
15	B	A	B	C	A	B	A	B

## Script B

	3	6	9	12	15	18	21	23
1	C	B	A	B	B	A	B	C
2	C	B	B	B	B	C	B	C
3	C	B	B	B	B	B	B	C
4	C	B	C	C	C	C	B	C
5	C	B	C	C	C	C	C	C
6	C	C	C	C	B	C	C	C
7	B	B	C	B	A	B	B	B
8	C	B	A	B	B	C	B	C
9	C	C	C	C	C	C	C	C
X	C	C	C	C	C	C	C	C
10	B	B	C	C	C	C	A	C
11	A	A	A	A	A	C	A	C
12	C	C	C	B	C	C	B	C
13	C	C	C	C	C	C	C	A
14	C	B	A	B	B	C	B	A
15	B	B	A	B	B	A	B	B